

Juventude, Juventudes: pelos outros e por elas mesmas

Luiz Carlos Gil Esteves*
Miriam Abramovay**

[...] Primeiro é preciso transformar a vida,

Para cantá-la em seguida.

[...] É preciso arrancar alegria ao futuro.

Nesta vida morrer não é difícil.

O difícil é a vida e seu ofício.

(Vladimir Maiakóvski)

Um traço que vem caracterizando algumas das mais significativas reflexões acerca dos aspectos que configuram a realidade brasileira contemporânea relaciona-se, sem dúvida, à percepção de que estaríamos atravessando um período de nossa história bastante difícil e conturbado, marcado pelo contínuo recrudescimento de uma crise generalizada, cujos reflexos se fazem sentir em todas as instâncias da vida social (BOCAYUVA e VEIGA, 1999).

* Doutor em Educação. Professor do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO e Professor Adjunto da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ.

** Doutoranda da Universidade René Descartes-Sorbonne – Paris V – França. Atualmente é Secretária Executiva do Observatório Ibero-americano de Violências nas Escolas.

No que diz respeito àquelas que se constituiriam as principais conseqüências de tal situação, elas poderiam ser traduzidas e agrupadas, de modo geral, com base nos seguintes pressupostos: descrença no presente, desesperança no futuro e, em decorrência desse quadro, surgimento e permanência de um sentimento nostálgico de revalorização do tempo passado, compondo um cenário cujo elemento mais constante seria, explícita ou implicitamente, o pessimismo.

Entretanto, ao nos debruçarmos diante de algumas das informações oriundas da pesquisa *Juventude, Juventudes: o que une e o que separa* (ABRAMOVAY e CASTRO, 2006), fomos surpreendidos por uma série de dados que, na contramão desse sentimento pessimista, apontavam para outras direções. Isso porque, inquiridos sobre diversos aspectos que vêm caracterizando a sua existência (quais os principais traços da juventude, seu nível de satisfação com a vida, entre outros), nossos jovens entrevistados ofereceram respostas em cuja base se assenta uma percepção predominantemente positiva.

Dessa forma, se devido à conjugação de novos e/ou à persistência de antigos fatores estruturais adversos, tomamos como verdadeira a premissa de que a sociedade brasileira passa por momentos delicados em sua história recente. Tal situação parece, no entanto, não abalar as percepções juvenis em relação à sua auto-imagem nem tampouco minar o seu sentimento de satisfação com a vida. Assim, na medida em que os jovens expressam sua percepção de um presente que, de alguma forma, acena para eles com maiores possibilidades, sinalizam, ao mesmo tempo, sua própria expectativa de um futuro com mais e melhores oportunidades, cujo resultado pode ser traduzido na elevada proporção de jovens que se consideram satisfeitos ou muito satisfeitos com a vida que levam, conforme será aqui discutido.

Para efeito de organização e tratamento das informações, bem como uma melhor sistematização das reflexões realizadas, os conteúdos deste artigo foram agrupados em dois blocos temáticos distintos, quais sejam:

- o primeiro, contendo uma breve discussão sobre os diferentes olhares lançados pela sociedade sobre a juventude;
- e o segundo, no qual, com base em dados do estudo, aborda-se, inicialmente, a visão que os jovens fazem de si mesmos, isto é, sobre sua própria condição juvenil, e, posteriormente, realiza-se uma análise a propósito dos níveis de satisfação e de insatisfação das juventudes com a vida que levam.

Por último, ressaltamos que, na medida em que as reflexões aqui contidas têm como ponto de partida a percepção juvenil sobre diferentes aspectos de sua

própria realidade, elas serão mais bem entendidas se consideradas, no limite de suas possibilidades, como mais um instrumento a serviço das juventudes na busca por maiores espaços de expressão e afirmação de suas identidades. Na contramão, portanto, das perspectivas dominantes que historicamente vêm relegando nossos jovens a um papel menor e secundário no campo das práticas cotidianas, cujos resultados mais evidentes se manifestam, dentre uma série de outros sintomas, na escassez e/ou inadequabilidade de iniciativas e propostas, na esfera das políticas públicas, formuladas para esse segmento.

O jovem pelos outros

Ainda que pensar o conceito de juventude implique, obrigatoriamente, na tomada de um caminho permeado por muitas tensões – as quais se deixam traduzir, entre outros aspectos, pela extensa multiplicidade de significados atribuídos ao tema –, percebe-se que um ponto de partida recorrente em diversos trabalhos, aí incluída a pesquisa que originou este artigo, é o seu tratamento com base em postulados demográficos, respaldado por aportes da psicologia. Assim, visando a facilitar a realização de comparações internacionais, regionais, temporais, socioeconômicas etc., em muitos casos, parte-se de uma definição predominantemente etária, abrangendo o ciclo que vai dos 15 aos 29 anos¹, cuja principal característica é a sua transitoriedade, razão pela qual está fadada a ser perdida com o passar dos anos (UNESCO, 2004).

A realidade social demonstra, no entanto, que não existe somente um tipo de juventude, mas grupos juvenis que constituem um conjunto heterogêneo, com diferentes parcelas de oportunidades, dificuldades, facilidades e poder nas sociedades. Nesse sentido, a juventude, por definição, é uma construção social, ou seja, a produção de uma determinada sociedade originada a partir das múltiplas formas como ela vê os jovens, produção na qual se conjugam, entre outros fatores, estereótipos, momentos históricos, múltiplas referências, além de diferentes e diversificadas situações de classe, gênero, etnia, grupo etc.

Nesse sentido, e lançando mão da revisão feita por José Machado Pais (1997), as representações mais correntes do que se compreende por ser jovem podem, de

¹ É comum o uso da faixa de 15 a 24 anos na definição de juventude. No entanto, tal procedimento nem sempre é adotado. Por exemplo: na pesquisa espanhola, *Informe Juventud en España*, o intervalo é de 15 a 29 anos; já na *Encuesta Nacional de Juventud 2000*, realizado pelo Instituto Mexicano de La Juventud, o intervalo pesquisado é o de 12 a 29 anos. No debate contemporâneo sobre juventude, não são raros aqueles que defendem a extensão dessa faixa etária para além dos 24 anos, uma vez que a construção da autonomia – característica fundamental dessa etapa da existência – avança crescentemente sobre os anos a partir desse ciclo etário.

acordo com a sociologia da juventude, ser traduzidas e agrupadas em duas grandes linhas, quais sejam:

- Uma que considera a juventude como grupo social homogêneo, composto por indivíduos cuja característica mais importante é estarem vivenciando certa fase da vida, isso é, pertencerem a um dado grupo etário. Nessa linha, a prioridade é conferida à análise daqueles aspectos tidos como mais uniformes e constantes dessa etapa da existência.
- Outra, de caráter mais difuso, que, em função de reconhecer a existência de múltiplas culturas juvenis, formadas a partir de diferentes interesses e inserções na sociedade (situação socioeconômica, oportunidades, capital cultural etc.), define a juventude para muito além de um bloco único, no qual a idade seria o fator predominante. Por essa linha, vem se tornando cada vez mais corriqueiro o emprego do termo *juventudes*, no plural, no sentido não de se dar conta de todas as especificidades, mas, justamente, apontar a enorme gama de possibilidades presente nessa categoria.

Ainda segundo o autor (*ibidem*), embora tais visões impliquem diferentes estratégias de abordagem, elas não se anulam. Isso porque, dependendo do enfoque, a juventude pode se apresentar tanto como um grupo aparentemente homogêneo quanto heterogêneo. No primeiro caso, por exemplo, quando a comparamos com outras gerações; na segunda hipótese, quando é analisada como um conjunto social detentor de atributos sociais que diferenciam os jovens uns dos outros.

Margullis e Urresti (1996) atentam que o conceito de juventude, do mesmo modo que toda categoria socialmente construída acerca de fenômenos existentes, possui uma dimensão simbólica. Entretanto, reduzi-lo a essa dimensão empobrece o seu significado, desmaterializando-o. Desse modo, o seu tratamento deve, obrigatoriamente, considerar as determinações materiais, históricas e políticas inerentes a toda e qualquer produção social².

Ao abordar a juventude numa perspectiva histórica, Ribeiro (2004) situa no século XVIII, mais especificamente no período em torno da Revolução Francesa, a emergência e a afirmação da maneira pela qual ela vem sendo compreendida e

² Tal concepção é reforçada por Minayo et al (1999), que, em estudo no qual analisam os resultados de uma pesquisa realizada com jovens do Rio de Janeiro, adverte: "Para se entenderem os processos sociais em que os jovens se envolvem, é necessário recorrer à forma como expressam seus comportamentos, gostos, opções de vida, esperanças e desesperanças. As condições econômicas, políticas e sociais determinam características peculiares para se entenderem não só os comportamentos individuais, mas, especialmente, os processos sociais em que os jovens estão envolvidos. A história, a tradição e a cultura contribuem para a expressão de seus valores [...]". (p. 12).

valorada no mundo contemporâneo. Destaca o autor que, até então, a sociedade perseguia padrões estéticos muito mais identificados com a velhice, dos quais as perucas brancas empoadas, utilizadas como símbolo de distinção social pela nobreza, constituem exemplos lapidares.

Com a vitória e conseqüente afirmação do modo de produção capitalista sobre o absolutismo monárquico, demandando mudanças radicais nas formas até então vigentes de organização social, econômica e política, tudo o que passou a ser identificado com o Antigo Regime (mentira, preconceito, servidão) cede espaço para a idéia do novo (liberdade, democracia, vida). É nesse contexto de enaltecimento da novidade, em que também se difunde uma noção de felicidade diretamente associada à de transformação, que a juventude passa a representar um valor importante. Não é de se estranhar, portanto, a associação comumente realizada entre juventude e revolução, na medida em que, como bem argumenta o autor, “fazer a revolução tenha sido, durante boa parte do século XX, uma das grandes vocações dos jovens” (*idem, ibidem*).

Prossegue Ribeiro (2004), assinalando que desde a metade do século XX a juventude é, então, disputada por duas importantes forças, ainda que “mais ou menos antagônicas”, quais sejam, por um lado, a noção de revolução, de não-acomodação, e, por outro, a publicidade, cristalizando um determinado ideal social que, passados mais de duzentos anos, “talvez jamais termine”, visto que :

A idéia de liberdade pessoal, em nossa sociedade, está cada vez mais marcada por valores que associamos à mocidade. O corpo bem cuidado, a saúde, a liberdade até mesmo de desfazer relacionamentos, a possibilidade de sucessivos recomeços afetivos e profissionais: tudo isso tem a ver com uma conversão do humano em jovem. (p. 27).

Ao centrar o foco no caso brasileiro, Maria Rita Kehl (2004) constata que o prestígio da juventude é recente. Para tanto, lança mão de escritos do grande dramaturgo Nelson Rodrigues, que, em crônica sobre sua infância, contatava que o país, nos anos 1920, “era uma paisagem de velhos [onde] os moços não tinham função nem destino. A época não suportava a mocidade”. Naqueles anos, homens e mulheres eram muito mais valorizados ao ingressarem na fase produtiva/reprodutiva de sua existência do que “quando ainda habitavam o limbo entre a infância e a vida adulta chamado de juventude ou, como se tornou hábito depois da década de 1950, de adolescência” (p. 90). Por esse motivo, não mediam esforços para parecerem mais velhos, assumindo posturas e adotando hábitos geralmente associados

às pessoas maduras – bigodes, roupas escuras e com um quê de solenidade, aspecto grave etc. – como forma de inspirarem respeito e seriedade.

Entretanto, o acirramento das condições de existência produzidas pela sociedade capitalista – tais como a elevação progressiva do tempo de formação escolar, o aumento desmedido da competição no mercado de trabalho e a conseqüente escassez de empregos – vem contribuindo, de modo decisivo, para um prolongamento progressivamente abrangente, entre os jovens adultos, da condição de adolescentes. Tornando-os, como conseqüência, cada vez mais dependentes do seu respectivo núcleo familiar, ao mesmo tempo em que também lhes imputa a pecha de incapazes de decidir sobre o seu próprio destino.

Ao descrever o salto por meio do qual, apesar das condições adversas antes referidas, foi possível a essa parcela da população passar a ocupar, nos últimos anos, lugar de centralidade e destaque no mercado, tornando-se parâmetro de consumo estético para toda a sociedade, Kehl (2004) acrescenta:

Como, na economia capitalista, do boi se aproveita até o berro, essa longa crise, que alia o tédio, a insatisfação sexual sob alta pressão hormonal, a dependência em relação à família e a falta de funções no espaço público, acabou por produzir o que as pesquisas de marketing definem como uma nova fatia de mercado. A partir daí – viva o jovem! Passou a ser considerado cidadão porque virou consumidor em potencial. [...] Ser jovem virou *slogan*, virou clichê publicitário, virou imperativo categórico – condição para se pertencer a uma certa elite atualizada e vitoriosa. (p. 91-92).

Prossegue a autora, sublinhando que tal processo acabou por revelar um estrato de consumidores extremamente poderoso, uma vez que libertos

[...] dos freios morais e religiosos que regulavam a relação do corpo com os prazeres e desligados de qualquer discurso tradicional que pudesse fornecer critérios quanto ao valor e à consistência, digamos, existencial de uma enxurrada de mercadorias tornadas, da noite para o dia, essenciais para a nossa felicidade. (*idem, ibidem*)

Margulis e Urresti (1996a) aprofundam esse raciocínio, postulando que, em nossos dias, os signos atribuídos à juventude tendem a se constituir numa estética, cujo espectro engloba, dentre diversos outros aspectos, artefatos e costumes rela-

cionados ao corpo, à indumentária e ao comportamento. A reificação desse ideal estético – que nas sociedades de consumo se apresenta como paradigma de tudo o que é desejável – viabiliza a comercialização de vários dos atributos associados à juventude na forma de mercadorias, intervindo no mercado do desejo como veículo de distinção e de legitimidade³.

Com base nesses postulados, pode-se dizer que os jovens vivem, na contemporaneidade, numa época de profundas transformações, aí incluídas as de cunho econômico e moral, que afetam, de modo indelével, sua transição para a vida adulta. Sujeitos de uma sociedade de consumo ostentatória – cujo principal traço é suscitar nas juventudes, mas não apenas entre elas, aspirações que, muitas vezes, desaguam em frustrações, porque irrealizáveis para a grande maioria –, transitam no seio de uma arquitetura social cuja desigualdade e acirramento das diferenças constituem algumas de suas faces mais visíveis.

Existem muitos e diversos grupos juvenis, com características particulares e específicas, que sofrem influências multiculturais e que, de certa forma, são globalizados. Portanto, não há uma cultura juvenil unitária, um bloco monolítico, homogêneo, senão culturas juvenis, com pontos convergentes e divergentes, com pensamentos e ações comuns, mas que são, muitas vezes, completamente contraditórias entre si. Até porque, e conforme bem acrescentam Margulis e Urresti (1996b), vivencia-se a condição juvenil de diferentes maneiras, em função das diferenças sociais e de parâmetros concretos, como o dinheiro, a educação, o trabalho, o lugar de moradia, o tempo livre etc. Logo, a definição da categoria juventude em hipótese alguma pode ser a mesma para todos aqueles que nela estão enquadrados.

Nos últimos anos, quer pela necessidade de uma maior permanência no sistema educacional, quer pela dificuldade de os jovens ingressarem no mercado de trabalho – e, com isso, adquirirem autonomia e independência econômica face às suas famílias para, inclusive, constituírem novas famílias –, a condição juvenil vem sendo crescentemente prolongada. Exemplo disso é o Brasil, onde, por conta de uma série de injunções, tal condição foi recentemente estendida da idade de 25 para 29 anos (UNESCO, 2004).

³ A respeito da maneira como os objetos de consumo forjam identidades no meio social, Jurandir Freire Costa (2004) assinala que “a aparência do sujeito afluente é determinada pela maneira como se veste; pela qualidade dos objetos de adorno pessoal; pelo tipo de automóvel, de artigos eletroeletrônicos e de objetos de decoração doméstica que possui; pelos restaurantes que freqüenta e tipos de esporte que pratica; pelos lugares onde desfruta o lazer; pelas viagens que faz etc. Os objetos de consumo *agregam* valor social aos seus portadores. Eles são o crachá que identifica *o turista vencedor* em qualquer lugar, situação ou momento.” (p. 80).

As diferentes juventudes não são, tão somente, *estados de espírito*. São, isso sim, uma realidade palpável que tem sexo, idade, fases, anseios etc., entronizada em um período de tempo cuja duração não é permanente, mas transitória e passível de modificações. Por essa linha, pode ser entendida como um “rito de passagem” entre o ser criança e o tornar-se adulto (BRASLAVSKY, 1986)⁴, quando, segundo bem define Bourdieu (1983), vivencia-se uma “irresponsabilidade provisória”.

Ainda que as diferenças sejam marcantes, existem, no entanto, algumas características que parecem comuns a todos os grupamentos juvenis, estendendo-se a todos independentemente de suas condições objetivas de existência. Dentre elas, destacam-se, entre uma série de outras: a procura pelo novo; a busca de respostas para situações e contextos antes desconhecidos; o jogo com o sonho e a esperança; a incerteza diante dos desafios que lhes são colocados ou inspirados pelo mundo adulto etc.

A despeito do imaginário social construído em torno da valorização de ideais estéticos associados às populações mais jovens, a sociedade, até hoje, tem uma enorme dificuldade em conceber o jovem como sujeito de identidade própria, oscilando entre considerá-lo adulto para algumas exigências e infantilizá-lo em outras tantas circunstâncias. Por conta disso, Esteves (2005) assinalam que a ótica por meio da qual as juventudes são percebidas é bastante difusa, apresentando aspectos, algumas vezes, em franca oposição entre si.

Ao fazerem uma síntese daquelas características que se constituiriam as mais correntes, destacam que, de maneira geral, os jovens são vistos socialmente:

- De maneira dualista e maniqueísta. Se, de uma parte, são considerados como *o futuro das nações*, os responsáveis pelo advir, de outra são acusados de pensar e agir de modo irresponsável no presente. Dessa forma, ainda que a eles seja conferida a esperança e imputada a responsabilidade por um mundo melhor, ao mesmo tempo são obrigados a conviver com o medo e a desconfiança que a sociedade neles deposita, situação que se agrava ainda mais na medida em que também são concebidos como aqueles que, via de regra, não produzem, dependendo economicamente das populações mais velhas.
- De forma adultocrata, por meio, entre outros mecanismos, do estabelecimento de relações tensas e assimétricas entre jovens e adultos. Na medida em que as populações mais jovens são consideradas potencialmente capazes de contestar, transgredir e reverter a ordem estabelecida – ordem essa

⁴ A referida autora conceitua a juventude como um período que vai desde a adolescência até a independência da família, traduzida pela aquisição de autonomia econômica, condição fundamental para a definição do ser adulto.

obviamente imposta pelo mundo adulto –, os mais velhos, no tratamento com as juventudes, na maioria das vezes lançam mão de estratégias e posturas essencialmente conservadoras, rígidas, denunciando o quão limitada é a sua aproximação com o universo juvenil⁵.

- Imputados de culpa. A juventude é constantemente associada à ameaça social, à criminalidade, à delinquência, como se o ser jovem implicasse, de forma potencializada e direta, no desvio e na transgressão criminosos, cujos desdobramentos seriam capazes de colocar em risco tanto a sua própria integridade física e moral quanto a de toda a sociedade. É nesse sentido que se verifica o grande efeito que tem, no imaginário social, a divulgação sistemática de estatísticas e informações dando conta do avanço das taxas de criminalidade e violência entre a populações mais jovens.

Gonçalves (2005), a exemplo de outros autores, também reconhece que o interesse social por assuntos relacionados à juventude é cíclico, estando geralmente associado a situações-limite caracterizadas por crises e conflitos. Logo, seja no campo social, seja no âmbito acadêmico, a marca que caracteriza o foco nessa coorte (SINGER, 2005) é, recorrentemente, negativa:

O interesse pela juventude desponta de tempos em tempos, mas parece contaminado sempre por esses motores. As crises e os excessos, os conflitos e as explosões que a eles se seguem acompanham a história da preocupação social e acadêmica com a juventude. Os anos de 1920 presenciaram a explosão desse interesse na razão direta da comoção gerada pela turbulência social em Chicago; naquela época, toda uma geração de jovens italianos, judeus, irlandeses e afro-americanos tornou-se objeto de estudos da sociologia, em busca de uma resposta às indagações acerca de possíveis ‘implicações entre juventude, violência, criminalidade e desorganização social urbana’ (ZALUAR, 1997). Premidas nos anos de 1920 pelas lutas das gangues, nos anos de 1950 pela explosão demográfica nas urbes e mais recentemente pelos elevados índices de disseminação das doenças sexualmente transmissíveis, as ciências humanas privilegiaram o exame da juventude sob a ótica do negativismo. (p. 1-2).

⁵ Sobre essa distribuição desigual de poder entre a juventude e outras gerações e/ou instâncias da vida social, Paul Singer (2005) acrescenta: “a juventude parece, pois, condenada à submissão ou ao desespero. Submissão não apenas aos pais e avós, aos patrões e governantes, mas também ao mundo deles. Nesse mundo, ensina-se nas escolas e nas igrejas (com raras e honrosas exceções) que é natural que os jovens obedeçam aos mais velhos, não só porque esses têm poder, mas porque têm experiência, sabedoria, ao passo que aqueles são impetuosos, impacientes, inexperientes e, coitados, muito ignorantes.” (p. 29).

Também José Machado Pais (1997) acrescenta que, embora a segmentação de certos cursos de vida em fases seja produto de um processo de construção social bastante complexo⁶, “determinadas fases da vida apenas são reconhecidas, enquanto tal, em determinados períodos históricos, isto é, em períodos nos quais essas fases da vida são socialmente vistas como geradoras de problemas sociais” (p. 29).

No que diz respeito à juventude, de maneira mais específica, a construção social em torno dela é, via de regra, carregada de significados negativos, prevalecendo o rótulo de *geradora de problemas*, cujos desdobramentos e conseqüências se fazem sentir tanto em seu cotidiano quanto na sua relação com as diversas instituições sociais de que participa, tais como a família, a escola etc.

Por seu turno, tal estado de coisas concorre para explicar a existência e prevalência de uma visão eminentemente repressiva sobre os jovens, cujas conseqüências podem redundar naquilo que Ernesto Rodriguez (2004) classifica como “populismo punitivo”, ou seja, na adoção de medidas que, visando a acalmar os ânimos aguerridos da opinião pública, revelam-se, no confronto com a realidade, inócuas quanto à eficácia de seus efeitos. Como exemplo, pode-se mencionar, dentre outras manifestações, a forma acirrada e recorrente com que vêm sendo estabelecidas e conduzidas, por múltiplos segmentos da sociedade, ao longo dos últimos anos, as discussões em torno da redução da idade penal, cujas propostas de rebaixamento variam, junto ao Poder Legislativo, desde os 16 até os 12 anos de idade⁷.

Também nesse sentido transparece outra flagrante contradição no modo como os jovens são tratados socialmente. Isso porque, ao mesmo tempo em que, em nível global, cada vez mais se postula a ampliação da faixa etária que abarca a juventude, prolongando-a para etapas até então compreendidas pela vida adulta, no campo repressivo-penal, na contramão dessa corrente, o que se percebe é uma forte

⁶ Quanto a esse aspecto, sublinha o autor, “geralmente, são os indivíduos que, no dia-a-dia, tomam consciência de determinadas características específicas a um período da sua vida. Se essas características afetam um considerável universo de indivíduos pertencentes a uma geração, elas são culturalmente incorporadas em determinados modos de vida” (PAIS, 1997).

⁷ Sobre esse aspecto, vale destacar que, de acordo com os dados de pesquisa nacional (ABRAMO e BRANCO, 2005), também a grande maioria dos jovens ouvidos sobre o assunto – ou seja, os principais alvos de tal sanha punitiva – se mostraram favoráveis à redução da idade penal. Assim, do total de 75% que se posicionaram a favor, 36% pensam que ela deveria ser reduzida para 16 anos, 24%, para 14 ou 15 anos e 11% aprovam seu rebaixamento para a faixa entre 10 e 13 anos. Diante desse quadro, não há como se discordar que “[...] persiste no Brasil uma visão negativa da criança, do adolescente e do jovem, que se manifesta de diversas maneiras e em vários contextos sociais e culturais: nos meios de comunicação, entre os políticos, junto à população em geral e até entre os próprios adolescentes e jovens. Essa percepção associa-se a uma consciência arraigada junto a uma parcela da população brasileira de que somente o direito penal e a punição exemplar são capazes de fornecer resposta adequada à prevenção e à solução dos desvios sociais. Dentro dessa linha de pensamento, a violência e a criminalidade são questões do âmbito individual, de um comportamento individual, não problemas sociais.” (ABRAMOVAY, 2006).

tendência de recuo etário, antecipando responsabilidades e sansões associadas, até então, às camadas populacionais de maior idade.

A centralização do foco punitivo sobre a juventude, no sentido de se proceder a uma espécie de *asepsia social*, não se apresenta como um movimento dissociado da produção científica. Ao contrário, e de acordo com Gonçalves (2005), tal focalização também se deve às ciências, cujo resultado contribui para expandir ainda mais o espectro da culpabilização juvenil.

Ressalta a autora o caráter atemporal e dinâmico de tal espectro, capaz que é de se adequar, conforme a época, aos problemas de seu respectivo tempo:

Os excessos juvenis, tomados como impulso da desordem urbana, colocaram em movimento esforços de disciplinarização. Associadas aos comportamentos disfuncionais, as pulsões da juventude tornaram-se foco da asepsia social que queria o controle e a correção dos vícios, e nesse percurso as ciências reforçaram ao longo dos anos a percepção de que boa parte das mazelas sociais poderia ser creditada na conta da juventude e de seus anseios de diferenciação. Firmou-se no imaginário social a associação entre a juventude e as grandes questões de cada tempo: no século XXI, quando grassam as preocupações com o individualismo exacerbado e a criminalidade crescente, o jovem emerge como individualista e responsável, em grande parte, pela criminalidade urbana. (p. 2).

Ainda que longe de esgotá-las, até aqui detivemo-nos na exposição e análise de algumas visões socialmente construídas sobre a juventude, cuja principal característica é, como sublinhado, a de se apresentar, no geral, de forma tensa e contraditória, desenhando um quadro mormente carregado pelas tintas do negativismo.

Diante disso, uma questão emerge como um possível contraponto nessa discussão: em face desse cenário pouco animador, como será, então, que os próprios jovens se percebem? Ou, em termos mais específicos, quais são as principais características que, no entender das juventudes, melhor definiriam o *ser jovem* na contemporaneidade? É justamente sobre esse assunto que o próximo item procura tratar.

O jovem por si mesmo

A pergunta anteriormente formulada obriga a um outro tipo de reflexão acerca do conceito de juventude. Isso porque, quando nos detemos na construção dessa

categoria a partir da ótica dos jovens, damos centralidade não a visões *exteriores, estrangeiras*, mas sim aos próprios atores nela inseridos, sujeitos históricos concretos, pois situados em um tempo e um espaço determinados. Assim, com base numa postura reversa àquelas aqui caracterizadas como as mais recorrentes, busca-se uma compreensão, ainda que sempre provisória e parcial, o máximo polifônica possível, uma vez que fruto da conjugação de diversas vozes, inclusive a da juventude.

Conforme atestam os percentuais da Tabela 1, ao declararem o que melhor define o jovem nos dias de hoje, no que pese algumas características apresentarem uma incidência de marcação maior do que outras, nota-se que os respondentes não se limitaram a uma única escolha, pulverizando suas respostas entre vários dos itens propostos. Assim, na medida em que demonstram sua pluralidade de idéias, também reforçam o postulado de Waiselfisz (2004), que assinala que “vivendo, ou não, a mesma história, cultura ou tradição, a verdade é que não há um único tipo de jovem” (p. 1).

Ao mesmo tempo, ainda que se reconheça a enorme diversidade existente entre os jovens – traduzida, como vimos, pelas diferenças de gênero, faixa etária, classe social, raça/cor, local de moradia, condição econômica, entre diversas outras –, com base nos cruzamentos de dados realizados, percebe-se a existência de vários aspectos comuns às juventudes como um todo. Isto porque, em várias situações, observou-se uma constância bastante acentuada na marcação dos itens propostos, quando esses foram desagregados em função das variáveis adotadas, mantendo níveis praticamente estáveis não importando o sexo, a escolaridade, a classe social etc. dos respondentes, conforme veremos em algumas situações. Por conta disso, é que também “não se apela para uma visão fragmentada por tipo de jovens, e se ressalta que há elementos comuns a todos os jovens” (UNESCO, 2004).

Como fica bastante evidente nessa tabela, a maior parte dos entrevistados (26,9%) indicam que a identidade visual – traduzida pela moda e pela aparência – representa a principal característica da condição juvenil. Vale dizer que, como já destacado, esse item se apresenta como o mais incidente entre os jovens mesmo quando efetuados vários cruzamentos. Assim, a porcentagem permanece praticamente inalterada quando os números são desagregados seja por sexo, faixa etária, situação socioeconômica, condição do município ou por cor/raça auto-atribuída. Apresenta, apenas, uma ligeira oscilação quando decomposta em termos de região do Brasil, circunstância em que o Centro-Oeste aparece com o índice de opção mais baixo (23,8%) e o Sul alcança o nível de marcação mais alto (30,5%).

O indicador relativo à consciência, à responsabilidade e ao compromisso da juventude é o que se apresenta com o segundo maior percentual de escolha entre os respondentes (14,6%). Também nesse caso, quando se procede ao cruzamento de dados, o percentual permanece praticamente inalterado na maioria das situações, apresentando, apenas, uma pequena variação em função da escolaridade dos entrevistados. Por esse caminho, atinge o percentual mínimo de 9,9% entre os jovens com Ensino Superior e o máximo de 16,2% entre aqueles que declararam ter seu nível de escolaridade entre a 5ª e a 8ª séries do Ensino Fundamental.

Torna-se também importante assinalar o número total de jovens pesquisados que se dividiram entre opções relacionadas à vulnerabilidade social, ou seja, 17,7%. Assim, enquanto que para 9,6% deles a insegurança pessoal e social é o que melhor caracteriza o jovem na contemporaneidade, 8,1% acreditam ser a falta de perspectivas o fenômeno que mais bem define a condição juvenil.

Sobre esse último aspecto, ou seja, a falta de perspectivas, cabe, no entanto, realizar algumas considerações. Apesar da similaridade e constância verificadas em grande parte das respostas, não importando a variável de cruzamento, quando enfocamos as percepções desses jovens acerca da falta de perspectivas de futuro – que, no total geral, foi o quinto item mais assinalado – testemunhamos alguns significativos contrastes. Isso porque, ao passo que abarcou 10% das respostas dos jovens residentes em áreas urbanas metropolitanas, junto àqueles das áreas urbanas não-metropolitanas tal índice cai para 8,6%, sendo que representa apenas 5,5% da opção dos respondentes situados em áreas rurais. Vale ainda destacar que essa opção foi a terceira resposta mais assinalada pelos moradores das áreas metropolitanas; enquanto isso, alcançou a quinta colocação entre os respondentes de áreas não-metropolitanas e somente a sétima entre os moradores de áreas rurais, traçando um cenário que demonstra, de forma bastante evidente, que quanto mais urbanizado o local de moradia, maior a desesperança no futuro por parte de seus jovens habitantes.

No que se refere ao grau de instrução, observam-se também algumas importantes diferenças. Assim, para 14,8% dos jovens com Ensino Superior e para 11,% dos que completaram o Ensino Médio, esse é o item que melhor define a juventude. Entretanto, tal percepção é compartilhada por 6,4% dos que estudaram até a 8ª série do Ensino Fundamental e por apenas 3,9% daqueles que cursaram até a 4ª série. As diferenças nos índices listados ganham contornos mais reveladores quando analisadas dentro do conjunto de características definidoras da condição juvenil indicado pelos jovens respondentes. Ou seja, enquanto a falta de perspectivas é a segunda opção mais assinalada pelos de nível superior, para os que cursaram o Ensi-

no Médio essa opção aparece em terceira lugar. Merece destaque, no entanto, o fato de esta opção ocupar somente o sétimo lugar entre os que estudaram até a 8ª série do Ensino Fundamental e a oitava colocação entre os que estudaram até 4ª série. Tal situação sugere que o número maior de anos passados nos bancos escolares, ao contrário do que se poderia supor, ao invés de ampliar os horizontes das juventudes, mitigando as incertezas quanto ao seu futuro profissional – em função da possibilidade de elevação do nível de escolaridade cada vez alto demandado pelas sociedades contemporâneas, por exemplo –, parece concorrer para o encolhimento de suas esperanças, fato esse que, por sua vez, conjugado a outros indicadores, contribui para colocar ainda mais em xeque o papel social que vem sendo desempenhado pelas instituições escolares em nossos dias.

Ainda sobre essa falta de perspectivas, o quadro de disparidades também se repete quando desagregados os números tanto por região do país quanto por condição socioeconômica. No primeiro caso, tem o maior índice de escolha na região Norte (9,9%) e o menor na Sul (5,5%); note-se que na região Sudeste⁸ tal índice (o segundo mais elevado do quadro geral, ou seja, 9,7%) representa o terceiro item mais votado. Quanto à condição de classe, quanto mais bem situados na pirâmide social, menores parecem ser as expectativas dos jovens. Assim, para aqueles das classes A/B, o item comparece com a terceira maior votação, atingindo 11,2%; para os da classe C, fica em 10,1%; e para os jovens das classes D/E desce para 6,3%, situando-se na 7ª colocação.

⁸ Apenas como ilustração, na análise de outros dados não abordados neste artigo, percebeu-se uma tendência maior ao pessimismo e ao desencanto especificamente entre os jovens da região Sudeste, o que também foi detectado em outro estudo recentemente realizado entre adolescentes cariocas (BERTA, 2006), quando esses se mostraram bastante descrentes quanto ao seu futuro.

Tabela 1 – Distribuição da população jovem segundo o que melhor define o jovem nos dias de hoje – Brasil, 2004

O que melhor define o jovem nos dias de hoje	%
A moda e a aparência	26,9
A força e a agilidade	4,6
A linguagem, a música	9,8
A consciência, a responsabilidade e o compromisso	14,6
A insegurança pessoal e social	9,6
A falta de perspectivas	8,1
Ser questionador/transgressor/ousado	5
Ser instável emocionalmente	2,8
Ser criativo/empreendedor	7,1
Ser egoísta	6,1
Ser consumista/comprar	0
Depende do ambiente em que convive	0
Ser respeitado	0
Ser inteligente	0
Ser alegre/feliz	0
Ser mal educado	0
Ser agressivo	0
Ser violento	0
Ser irresponsável	0
Ser dependente de drogas	0
Nenhuma destas	0,2
Não sabe/não opinou	4,9
Total	100

FONTE: Pesquisa *Juventude, Juventudes: o que une e o que separa*. Unesco, 2004.

Foi perguntado ao jovem: pensando nas características de uma determinada faixa de idade, qual ou quais destas, na sua opinião, você acha que melhor define o jovem dos dias de hoje?

Nota explicativa: os respondentes podiam indicar até três características, por ordem decrescente de importância. As frequências aqui sistematizadas referem-se às indicações do primeiro lugar.

A grande expressividade na indicação do item relativo à moda e à aparência como a característica que melhor definiria a condição juvenil entre os entrevistados obriga a que se proceda a uma breve análise acerca dessa circunstância, a fim de se buscar uma melhor compreensão tanto do contexto maior em que ela se opera quanto dos efeitos de alguns de seus desdobramentos junto às juventudes.

De modo geral, parece que a escolha feita por mais de 1/4 do total de entrevistados vai ao encontro dos pressupostos de diversos autores, quando esses – sejam os considerados especialistas no assunto, sejam os de outras áreas das ciências sociais – ratificam a importância fundamental da moda, do vestir e da aparência, no sentido de tais elementos propiciarem um melhor reconhecimento e distinção de um determinado contexto histórico-social. Dessa forma, não é raro se afirmar que é à moda – mais especificamente, à sua observação e associação – que se deve o primeiro *insight* de percepção e entendimento de uma dada realidade.

Não é por outra razão que, nos últimos tempos, para muito além dos campos tradicionalmente afetos a essa área (artes plásticas, cinema, teatro, televisão, entre uma série de outros), assiste-se a um crescente movimento, por parte de diferentes esferas do conhecimento, no sentido da incorporação progressiva de postulados relacionados à moda no entendimento e interpretação de múltiplos aspectos da realidade, muitos dos quais considerados, até então, como fora de seu foco imediato de abrangência.

Lurie (1997) ilustra bem esse recrudescimento do interesse pela moda, mais especificamente pelo poder comunicacional da indumentária despertado em várias áreas do conhecimento, quando afirma que há milhares de anos os seres humanos vêm se comunicando por intermédio da “linguagem das roupas”. Desse modo, antes mesmo de um contato mais próximo, os seres humanos são capazes tanto de relatar como de omitir ou falsear, uns para os outros, importantes aspectos de sua condição biológica e sociocultural (sexo, idade, classe social, trabalho, origem, personalidade, estado de espírito etc.) simplesmente por meio das roupas que envergam. Destaca ainda que, da mesma forma como toda e qualquer língua escrita e falada, o idioma das roupas está sempre em transformação, uma vez que está inscrito no bojo dos processos sociais, processos esses que guardam, como sua principal característica, o fato de se encontrarem em constante transformação, mesmo quando travestidos de um sentimento de nostalgia.

Ampliando um pouco mais a abrangência desse diálogo, afirmação do mesmo teor é feita pelo filósofo italiano Gramsci (1989), quando ele, ao ressaltar a importância da alimentação, do modo de reprodução, da moradia e do vestuário na definição do conceito de *homem*, adverte que nos aspectos antes referidos “residem elementos da vida social, nos quais, da maneira mais evidente e ampla (isso é, com extensão de massa), manifesta-se o conjunto das relações sociais” (p. 42). Nessa direção, atenta ainda para a importância de, qualquer que seja a análise, sempre se considerar a dimensão cultural, uma vez que “não o pensamento, mas o que real-

mente se pensa, une e diferencia os homens”, razão pela qual considera o conjunto das relações sociais como a verdadeira natureza humana, vez que aquelas trazem inerente a noção de devenir, de transformação, presente em todas as ações do homem (p. 43)⁹.

Moda e cultura encontram-se, portanto, intimamente relacionadas num plano mais abrangente, traduzindo-se e ressignificando-se mutuamente, de acordo com o contexto em que se entrecruzam. Assim, ainda que ambas coexistam num mundo de gêneros onde os homens têm papel predominante,

[...] o sujeito masculino, assim como o sujeito feminino, não tem *status* visual separado da roupa e/ou do adorno¹⁰. [...] Roupas e outros tipos de ornamentações fazem com que o corpo humano se torne culturalmente visual [...], a roupa desenha o corpo de modo que ele possa ser visto culturalmente, e o articula de uma forma significativa. (SILVERMAN apud STEELE, 1997).

Steele (1997) acrescenta que “a moda jamais foi somente algo sobre partes do corpo, mas sobre identidade” (p. 196). Isso porque quando a percepção sobre nós mesmos se transforma, nosso modo de vestir, de nos apresentarmos socialmente também muda, tornando visível essa transformação.

Por essa linha, Lurie (1997) destaca que praticamente desde os primórdios de sua invenção a roupa vem sendo utilizada para diferenciar o jovem do velho. Entretanto, e da mesma forma que Lipovetsky (1989), vai situar entre os anos 1950 e 1960 o impulso de uma cultura jovem, cuja glorificação total teria se dado no período compreendido pelo final da década de 60 e início da de 70.

Nesse contexto de surgimento e afirmação da cultura juvenil, lugar de absoluto destaque foi ocupado pela moda, que, adquirindo o *status* de um de seus principais porta-vozes, segundo Lipovetsky (1987), “acelerou a difusão dos valores hedonistas [e] contribuiu para dar uma nova fisionomia à reivindicação individualista” (p. 120). Prossegue o autor, ressaltando que “a agressividade das formas, as colagens e justaposições de estilos, o desalinho só puderam impor-se [...] trazidos por uma cultura

⁹ Sobre a ampliação do olhar necessária a uma melhor compreensão dos processos que se operam no mundo concreto, Kosik (1976) acrescenta: “não é possível compreender imediatamente a estrutura da coisa ou a coisa em si mediante a contemplação ou a mera reflexão, mas sim mediante uma determinada atividade. Não é possível penetrar na *coisa em si* e responder à pergunta – o que é a *coisa em si?* – sem a análise da atividade mediante a qual ela é compreendida [...]” (p. 22).

¹⁰ A propósito do reconhecimento acadêmico sobre a importância do adorno para a humanidade, bem como da tensão existente em seu potencial de destruição e transformação, em face do prazer que proporciona, Steele (1997) escreve: “o discurso acadêmico sobre a moda tem, na verdade, cada vez mais sugerido que o adorno é intrinsecamente humano, freqüentemente prazeroso e potencialmente subversivo” (p. 194).

na qual predominam a ironia, o jogo, a emoção-choque, a liberdade das maneiras” (*idem, ibidem*).

Se com a afirmação do modelo jovem um novo princípio de “imitação social” se impôs, como tal modelo estaria, então, repercutindo junto àquela parcela da população que vem justamente se constituindo a sua fonte direta de inspiração, ou seja, a própria juventude? Com o intuito de tentar responder, de forma breve, a essa indagação, lançaremos mão, prioritariamente, dos postulados de Margulis e Urresti, em artigo no qual os autores discorrem, pela dimensão sociológica, a propósito da relação existente entre a moda e a juventude (1996b).

Segundo esses autores, por ser efêmera, a moda tem de se submeter a uma constante mudança, cujo resultado é a construção de identidades frágeis. Nesse contexto, a suscetibilidade à moda é maior entre os jovens, por conta da dependência que têm de sua aparência física, ou seja, da vestimenta, do corpo e do penteado, além de predileções musicais e de seus códigos verbais. A ênfase nesses aspectos é inversamente proporcional ao que eles ainda não alcançaram no meio social, tais como o desempenho profissional, científico, artístico e econômico, o emprego, a constituição de família, enfim, todos os aspectos mais diretamente relacionados à vida adulta que, como vimos, são-lhes impostos por uma sociedade adultocrata.

Nas sociedades de consumo, a moda – por intermédio de um de seus maiores aliados: a publicidade – é hábil em ressaltar o lado positivo dos valores associados à juventude. Dessa maneira, apresenta-a, predominantemente, como uma categoria traduzida pelo prazer, pela estética, pela audácia, pela liberdade, pela capacidade de criação etc., quase nunca enunciando os aspectos negativos relacionados ao ser jovem, muitos dos quais decorrentes da própria forma como a sociedade os trata, tais como os pesares, as incertezas, a solidão, o desencontro, as limitações etc. Assim, “idealizam-se e reificam-se aspectos corporais que o passar dos anos modifica, construindo publicitariamente um imaginário sobre a juventude somente composto de saúde e felicidade” (MARGULIS e URRESTI, 1996b).

Considerando a função simbólica do consumo – ou seja, o seu papel no sentido de identificar, distinguir e dar prestígio, colocando o portador/usuário de certos objetos, linguagens etc. numa determinada categorial social –, pode-se dizer que os jovens que orientam seu consumo em função da moda buscam pertencimento, reconhecimento e legitimidade. Procuram ser aceitos, fazer parte de certos grupos, afirmando sua identidade social. Querem adequar sua maneira de vestir, de falar e de se expressar, suas preferências musicais e sua linguagem corporal às exigências do meio social em que têm vontade de se incluir.

A moda opera no limite entre a legitimidade e a exclusão. Por conta disso, requer o manejo de bens e habilidades, num contexto em que possuir apenas recursos econômicos não é o bastante. Para estar na moda, deve-se dispor de uma série de condições *aceitáveis*, a fim de que a mensagem que se almeja transmitir seja veiculada de forma eficaz¹¹. Obviamente, tal adequação implica num custo, que não apenas o de capital. Desse modo, o jovem, entre outras coisas, tem que abrir mão de algumas características de sua identidade pessoal, em função de se adequar a uma exterioridade cujo principal traço é estar em constante e acelerado processo de mudança.

Talvez por esse motivo, por essa conjugação complexa de fatores que definiriam o estar na moda pela ótica juvenil, é que, também de acordo com os dados contidos na Tabela 1, os jovens de modo algum se percebem como consumistas, ou seja, propensos a comprar de forma desenfreada. Por essa linha, muito além do *consumo quantitativo*, parece prevalecer entre eles uma lógica mais ancorada no que consideramos *consumo específico*. Logo, o que parece importar-lhes não é propriamente o número, a quantidade, mas sim a aquisição, a posse e/ou ostentação de determinados objetos que façam sentido para as múltiplas condições juvenis, mostrando-se capazes de distingui-los e situá-los, ainda que tais objetos impliquem, muitas vezes, no dispêndio de quantias vultosas.

Estar na moda envolve, portanto, responder ao apetite de legitimidade. O jovem se oferece ao olhar do outro a quem ele escolhe como referente, ao mesmo tempo em que também lhe confere poder, esperando, dessa forma, ser reconhecido, aceito e apreciado.

O quadro se torna ainda mais complexo quando se considera, como vimos, que a juventude *está na moda* – razão pela qual também as pessoas mais idosas se vêem obrigadas a parecer mais jovens –, o que faz dela tanto sujeito quanto predicado, categoria consumidora de moda e, ao mesmo tempo, o objeto da moda, pondo em marcha e alimentado um processo moto-contínuo, com características fortemente autofágicas.

O resultado de tal processo se mostra, entre outros sintomas, na perpetuação do mito construído em torno dessa noção idealizada de juventude, num movimento que, ao invés de materializá-la a partir de sua complexidade – aí incluídas as suas

¹¹ Sobre esse aspecto, acrescenta Lipovetsky: “a significação imaginária jovem acarretou uma desafeição pelo vestuário de luxo, assimilado ao mesmo tempo ao mundo velho. O chique bom gosto, classe e distinto da Alta Costura viu-se desacreditado por valores que colocaram na dianteira o rompimento das convenções, a audácia e os olhares rápidos, valorizando mais a idéia do que a realização, mais o choque emocional do que o virtuosismo, a juventude do que a respeitabilidade social. Operou-se uma inversão importante nos modelos de comportamento. [...] Aparentar menos idade agora importa muito mais do que exibir uma posição social.” (1987).

contradições –, acaba por afastá-la do chamado mundo concreto (KOSIK, 1976), concorrendo, assim, para a manutenção da série de conflitos que são experimentados pelos jovens na contemporaneidade.

O lado bom e o lado mau de ser jovem

Como já pontuado, ao se fazer a análise do quadro desenhado pela Tabela 1, percebe-se, de modo geral, uma prevalência de respostas consideradas positivas sobre aquelas de natureza neutra ou negativa, indicando que, para os respondentes, vivenciar a condição juvenil não implica, única e exclusivamente, atravessar um período difícil, ainda que passageiro, cuja melhor saída seria a entrada num mundo caracterizado pela hegemonia dos adultos. Ao contrário, as percepções dos jovens indicam que eles gostam de estar nessa condição, não se furtando, portanto, de usufruir de algumas das prerrogativas inerentes a ela.

Por esse caminho, é bastante revelador notar que o número de jovens que assinalaram as opções nas quais a juventude é identificada pela violência e pela agressividade, pelo consumo de drogas e pela falta de educação e de responsabilidade é estatisticamente inexpressivo, com porcentagem nula de marcação. Ao mesmo tempo, observa-se que, no que pese uma parte dos jovens ter sinalizado com a falta de perspectivas, a instabilidade emocional e a insegurança como características definidoras da condição juvenil, na percepção da maioria deles, além de sua identidade visual e cultural, o que define a juventude mais frequentemente é a sua consciência, responsabilidade e compromisso, a sua criatividade e a sua forma de expressão.

Tal sinalização se mostra instigante, na medida em que, como já referido, aponta um quadro que contraria a maior parte das análises realizadas sobre as juventudes. Isso porque, conforme pontua Waiselfisz (1998):

[...] o balanço da bibliografia sobre juventudes demonstra que predominam as análises que enfocam o lado problema dos jovens, suas atitudes *desviantes*, manifestas em rebeldias, revoltas e delinqüências. Observa-se também uma certa polarização nos estudos com concentração em jovens que se encontram excluídos do processo de integração social.

Outras tendem a generalizar, para toda a sociedade, uma cultura juvenil que está assentada em valores e comportamentos mais típicos de jovens de classes médias. A inclusão e a exclusão diferem nas formas de abordagem (p. 158-159)

A visão predominantemente positiva que os jovens têm de si mesmos parece coadunar com a percepção de também estarem satisfeitos com sua própria existência. Conforme o disposto na Tabela 2, quando inquiridos a demonstrar o nível de satisfação em relação à sua vida nos dias de hoje, os entrevistados responderam que estão ou muito satisfeitos (6%) ou satisfeitos (69%), perfazendo um expressivo total de 75%, o que significa dizer 3/4 da juventude brasileira.

Vale, no entanto, ressaltar que, apesar da magnitude desse índice de satisfação, em hipótese alguma se pode esquecer que cerca de 1/4 da juventude se considera insatisfeita (22%) ou muito insatisfeita (2%) com sua vida. Isso significa dizer, em números ampliados, que aproximadamente 12 milhões de jovens brasileiros estão descontentes com o seu dia-a-dia, situação que, comprometendo de forma negativa o presente, caso não se reverta ou se amenize, pode se manter ou mesmo se agravar no futuro, perpetuando um quadro de contornos preocupantes, porque inaceitáveis para uma parcela tão expressiva da população.

Tabela 2 – Distribuição da população jovem segundo satisfação quanto à vida que leva hoje, Brasil, 2004

Grau de satisfação	%
Muito satisfeito	6%
Satisfeito	69%
Insatisfeito	22%
Muito insatisfeito	2%
Não sabe/não respondeu	0%
Total	100%

Fonte: Pesquisa *Juventude, Juventudes: o que une e o que separa*, Unesco, 2004.

Ao serem desagregados os dados do conjunto que se declara muito satisfeito e satisfeito, percebem-se algumas variações no nível de satisfação da juventude, o que, obviamente, têm reflexos naquele relativo ao de sua insatisfação.

No que diz respeito à faixa etária, são os mais novos que se mostram mais satisfeitos com sua existência. Assim, tal nível atinge o pico de 85% na faixa de 15 a 17 anos, decaindo em seguida para 77% entre os de 18 a 20 anos; 72% na faixa de 21 a 23 anos; 71% de 24 a 26 anos, até atingir o seu mais baixo percentual no segmento de 27 a 29 anos, ou seja, 69%, delineando um estado de coisas cujo desenho

em escala descendente indica que quanto maior a proximidade dos jovens com a considerada vida adulta, maior o seu desencanto com a sua própria vida¹².

Os dados da pesquisa também mostraram que essa percepção mais satisfatória da vida é um fenômeno diretamente relacionado ao lugar ocupado pelos respondentes na pirâmide social. Desse modo, constatou-se uma significativa elevação dos níveis de satisfação de acordo com o posicionamento dos jovens tanto nas classes mais altas quanto nos estratos de menor renda familiar.

Quanto à condição de classe, aferida segundo o critério econômico Brasil, 83% dos jovens das classes A/B se declaram satisfeitos (73%) ou muito satisfeitos (10%); já entre os jovens das classes D/E, tal número geral cai para 73%, com as porcentagens de 67% e 6%, respectivamente. Em relação à renda familiar, medida em salários mínimos, verifica-se que a satisfação também decresce na proporção em que cai o rendimento de suas respectivas famílias. Entre os jovens com renda maior do que 10 salários mínimos, 80% estão satisfeitos (73%) ou muito satisfeitos (7%); quanto àqueles com renda de 1 a 2 salários mínimos, 65% estão satisfeitos e 5% muito satisfeitos, perfazendo um total de 70%, ou seja, 10 pontos abaixo dos de maior renda. Note-se que esse é o mesmo percentual de diferença (10%) verificado entre as percepções dos jovens das classes mais altas (A/B) em relação aos das mais baixas (D/E).

Com base nos resultados de outros estudos no campo da juventude brasileira, pode-se afirmar que essa percepção predominantemente positiva da vida por parte dos jovens é recorrente, repetindo-se, praticamente, nos mesmos patamares quando os números são desagregados. Dados oriundos de pesquisa nacional, realizada no segundo semestre de 2003, com jovens de 15 a 24 anos, demonstram que uma parcela praticamente idêntica àquela apontada no presente estudo (74%) indicava que, na sua opinião, existiriam mais coisas boas do que ruins em ser jovem; outros 14% consideravam haver tanto coisas boas quanto más, ao passo que o menor percentual (11%) apontava apenas coisas ruins (ABRAMO e BRANCO, 2005). Mesmo quando desagregados os dados (sexo, idade, renda familiar, escolaridade etc.), tal positividade se mantinha entre mais de 2/3 dos entrevistados, atingindo os mais altos percentuais entre os homens adolescentes (82%), os jovens com Ensino Superior (81%), os da zona rural (80%) e os de maior renda (79%) (ABRAMO, 2005).

¹² Vale destacar que o índice crescente de insatisfação na medida em que a idade dos entrevistados avança, além de recorrente em outros estudos realizados em nível nacional (ABRAMO e BRANCO, 2005), pôde também ser verificado, ainda que em patamares mais baixos, em pesquisas internacionais (Injuve, 2006), indicando que esse não parece, portanto, constituir-se um fenômeno local.

Esse forte traço do perfil juvenil atestando sua satisfação com a vida não parece estar restrito ao Brasil. Pesquisa realizada recentemente na Espanha (INJUVE, 2006) também aponta a satisfação da juventude daquele país. A diferença, entretanto, encontra-se nos níveis atingidos. Enquanto que, como já vimos no estudo que nos serve de base, em 2004, 75% dos jovens brasileiros se declaram satisfeitos e muito satisfeitos com sua situação, naquele país europeu, tal índice, em 2006, chega a abarcar 88% da juventude¹³. Essa disparidade certamente pode ser explicada em função da extensa série de diferenças verificadas entre os dois países. Dentre elas, tem lugar de absoluto destaque o fato de que, embora ambas façam parte de uma mesma ordem econômica neoliberal globalizada, são nações que se situam em diferentes esferas desse contexto. Assim, e segundo os postulados de diversos analistas das sociedades contemporâneas, tais como Boaventura Sousa Santos (1997), Pierre Bourdieu (1998), Milton Santos (2001); Marilena Chauí (1999), François Chesnais (1998) e Otavio Ianni (2001), entre uma extensa série de outros, ao passo que o país europeu ocupa posição privilegiada entre aqueles situados no nível central, ostentando índices de qualidade de vida bastante superiores aos da maioria das nações do mundo, o Brasil se encontra, circunstancialmente, relegado a um lugar periférico, palco de acirradas contradições, dentre as quais a desigualdade e a exclusão social compõem-se como marcas históricas e persistentes.

Por essa linha de reflexão, e de volta com os dados do estudo *Juventude, Juventudes: o que une e o que separa*, entende-se o porquê de os níveis de satisfação juvenil que mais se assemelham ao espanhol serem justamente os expressos nas percepções dos jovens das classes A/B (83%) – isso é, as mais elevadas da sociedade brasileira – ou daqueles com renda familiar superior a 10 (dez) salários mínimos, cujo percentual de 88% chega a empatar com o espanhol¹⁴.

O Gráfico 1 explicita as principais razões apontadas pelos jovens entrevistados para se sentirem satisfeitos ou muito satisfeitos com a vida que levam. Como pode ser visualizado, a família foi, de longe, o item mais mencionado pelos respondentes, sendo a responsável por 43% do total das indicações. A seguir, com 17

¹³ Ainda segundo dados da pesquisa em pauta, tal porcentagem reflete, na Espanha, uma tendência de ascensão, visto que, em 2005, o nível de satisfação aferido entre os jovens daquele país estava situado em 84% (Injuve, 2006).

¹⁴ Um outro indício dessa situação foi recentemente aferido na Cidade do Rio de Janeiro (INTRATOR e CLÉBICAR, 2006). Com base no cruzamento de uma série de indicadores (saúde, educação, lazer, renda, condições de moradia número de templos religiosos etc.) fornecidos por pesquisadores especializados no tema felicidade, o jornal O Globo constatou que o Bairro da Lagoa – justamente um dos mais caros de todo o Estado do RJ, ocupado predominantemente pela alta classe média carioca – foi escolhido como o bairro mais feliz da cidade, por comportar o maior número de indicadores positivos.

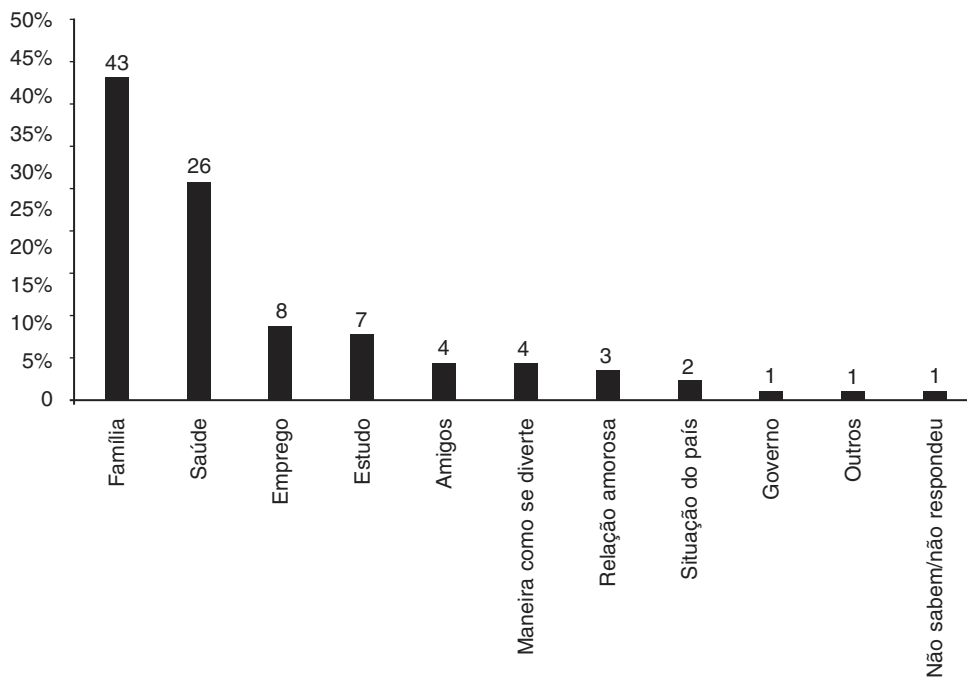
pontos percentuais abaixo da primeira indicação, está a saúde, perfazendo 26% das escolhas. Na terceira e na quarta posições, bem abaixo das anteriores, encontram-se, praticamente nos mesmos patamares, o emprego (8%) e o estudo (7%).

Os amigos e a maneira como se divertem apresentam o mesmo – e baixo – percentual de satisfação, ou seja, 4%. Uma possível explicação para esse quadro duplo talvez possa ser encontrada por meio dos resultados de pesquisa recentemente realizada, com jovens cariocas, na cidade do Rio de Janeiro (MOTTA e BERTA, 2006). No que diz respeito às pessoas com quem convivem, os jovens se ressentem, segundo o estudo, da duplicidade de sua conduta. Como exemplos, 56% dos entrevistados alegam possuir parentes ou amigos que, embora bebam ou fumem, digam que tais hábitos são prejudiciais à sua própria saúde; outros 55% também afirmam conhecer pessoas que, embora se posicionem contra a pirataria, não hesitam em consumir produtos piratas¹⁵. Quanto à forma pouco satisfatória como se divertem, uma possível explicação pode ser atribuída ao fato de que muitos dos jovens pesquisados no estudo carioca reclamam da falta de liberdade para se divertir, não por conta de uma educação rigorosa, mas pelo medo dos seus pais de que sofram algum tipo de violência.

Um outro dado denunciado pelo gráfico seguinte se refere ao desencanto recorrentemente expresso pelos jovens quanto ao modo como vem sendo conduzido o destino político-administrativo do Brasil, uma vez que, como fica evidente, a situação do país e o seu governo foram os itens com os menores índices de escolha entre os entrevistados (2% e 1%, respectivamente). Tal estado de coisas pode ser entendido, por sua vez, como um dos possíveis reflexos de sua indignação a propósito da escassez de ações voltadas para as juventudes, escassez que se traduz, entre uma série de outros fatores, pela ausência de uma política pública especificamente direcionada para esse estrato da população (UNESCO, 2004).

¹⁵ Quanto às situações relatadas, vale ponderar que, ao passo em que as mesmas atestam o quanto os jovens observam o comportamento alheio, também denunciam o seu enorme potencial em reproduzir com outros a forma crítica e, muitas vezes, moralista com que certamente são *enquadrados* pelo mundo adulto. Prova disso foi o alto percentual de marcação obtido, nesse mesmo estudo carioca, pelo item moral quando os jovens foram perguntados sobre aquilo que, no seu entender, seria mais importante para o conjunto da sociedade. Dessa maneira, fazemos nossas as palavras de Paulo Freire, quando o educador nos ensina que “numa sociedade desigual a cabeça do oprimido tende a hospedar a cabeça do opressor” (apud FREI BETTO, 2006).

Gráfico 1 – Distribuição da população jovem segundo razões para estar satisfeita ou muito satisfeita com a vida que leva hoje, Brasil, 2004



Fonte: Pesquisa *Juventude, Juventudes: o que une e o que separa*, Unesco 2004

De acordo com Barreira (1999):

O discurso sobre família como célula central da sociedade – *celula-mater* –, átomo em torno do qual se agrupam as relações sociais dos grupos humanos, é bem anterior às reflexões sociológicas e fez derramar suor e tinta por parte de teólogos, filósofos, literatos e outros pensadores, das épocas clássicas até nossa contemporaneidade, passando evidentemente pelas reflexões do homem comum em sua vida cotidiana. O discurso sobre família é, pois, sobredeterminado: quando pensamos sobre tal temática, o fazemos dentro de um campo de significados já estabelecidos (p. 51).

Seguindo esse raciocínio, pode-se dizer que, como toda construção social, o conceito de família tem se modificado substancialmente ao longo dos anos. Considerado como indicativo da primeira sociedade organizada do mundo, servindo de base para a constituição de uma série de outras sociedades, vinha sendo tradicionalmente utilizado no sentido de sinalizar, na maioria dos casos, o agrupamento de duas pessoas de sexos opostos, amparadas por um contrato civil e/ou religioso, com intenção de procriar, preferencialmente em um domicílio diferente do paterno.

Tal noção, no entanto, passou – e inevitavelmente continua a passar – por diversas e profundas transformações, sobretudo a partir da década de 1960. Assim, segundo a definição do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (2006), o novo conceito de família, ainda que reconhecidamente transitório, está atualmente associado

[...] aos grupos formados não só pelo casamento civil ou religioso, mas também pela união estável de homem e mulher ou por comunidade dirigida somente por um homem ou por uma mulher (mãe solteira, no caso). Antes, uma união que não fosse formada pelo casamento formal era considerada “família ilegítima”. Da mesma maneira, “filho ilegítimo” é uma expressão que não cabe mais em nossa sociedade.

Abramovay (2001) assinalam que, embora também venha se modificando no decorrer dos anos, a relação dos jovens com suas famílias continua apresentando uma forte ambigüidade. Isso porque, embora aqueles critiquem severamente o ambiente familiar do qual fazem parte e a relação que estabelecem com seus pais, entre diversas outras situações vivenciadas nesse grupo, continuam atribuindo a ele a sua mais forte e constante referência de vida. Desse modo, não causa espanto quando os próprios jovens, ao definirem o que mais gostam, indiquem as próprias famílias como o centro absoluto de sua preferência...

Segundo Gonçalves (2005), em face da fraqueza das instituições, tem cabido às famílias, como também àqueles que estão mais próximos dos jovens, desempenhar, em primeira instância, o papel de promotores da regulação de suas respectivas condutas. Citando o sociólogo alemão Norbert Elias, a autora ressalta que os laços de parentesco tendem a se estreitar na medida em que o Estado deixa de cumprir com as atribuições que lhe são designadas pela contemporaneidade, situação característica de estágios *mais primitivos* do desenvolvimento social. Nesses casos, o que se observa

é uma inversão dos papéis, com a família, ou seja, o espaço privado assumindo funções que deveriam ser desempenhadas pelo poder público.

Tal câmbio de atribuições constituiria, portanto, uma possível explicação do porquê o jovem brasileiro estaria atribuindo à sua família “expectativas que nas sociedades centrais são compartilhadas por outras instâncias sociais; a retração do público reforça o privado e faz com que repousem no sujeito e no núcleo familiar as forças de agregação social” (GONÇALVES, 2005). Dessa forma,

[...] na ausência do público como fonte de suporte para a vida social até mesmo no que diz respeito ao controle da criminalidade, o jovem ressentido da ausência do Estado. Diante de um poder público que não tem feito muita coisa, refluem sobre a família todas as expectativas de suporte e apoio (*idem, ibidem*).

Quando os números do gráfico anterior são decompostos por sexo, algumas diferenças importantes transparecem. Assim, percebe-se que as mulheres representam 49% dos jovens que elegeram a família como o principal motivo de estarem satisfeitos ou muito satisfeitos com a vida, contra 38% dos homens. No caso dos que escolheram a saúde e o emprego, a maioria é masculina: 28% e 11%, respectivamente.

Quanto ao emprego, em especial, vale destacar que apenas 5% das mulheres o elegeram como sendo a principal causa de sua satisfação, sinalizando que, para elas, o mundo do trabalho ainda não oferece o mesmo nível de atrativos e/ou compensações que são proporcionados aos homens. Dentre as principais causas dessa situação, com base nas discrepâncias históricas observadas em nossa sociedade, pode-se inferir que elas se devem, prioritariamente, entre uma série de outros fatores, tanto ao acúmulo das tarefas profissionais e afazeres domésticos, resultando na chamada dupla jornada de trabalho, tão conhecida pelo universo feminino, quanto à flagrante diferença verificada nos salários pagos às mulheres em relação àqueles recebidos pelos homens.

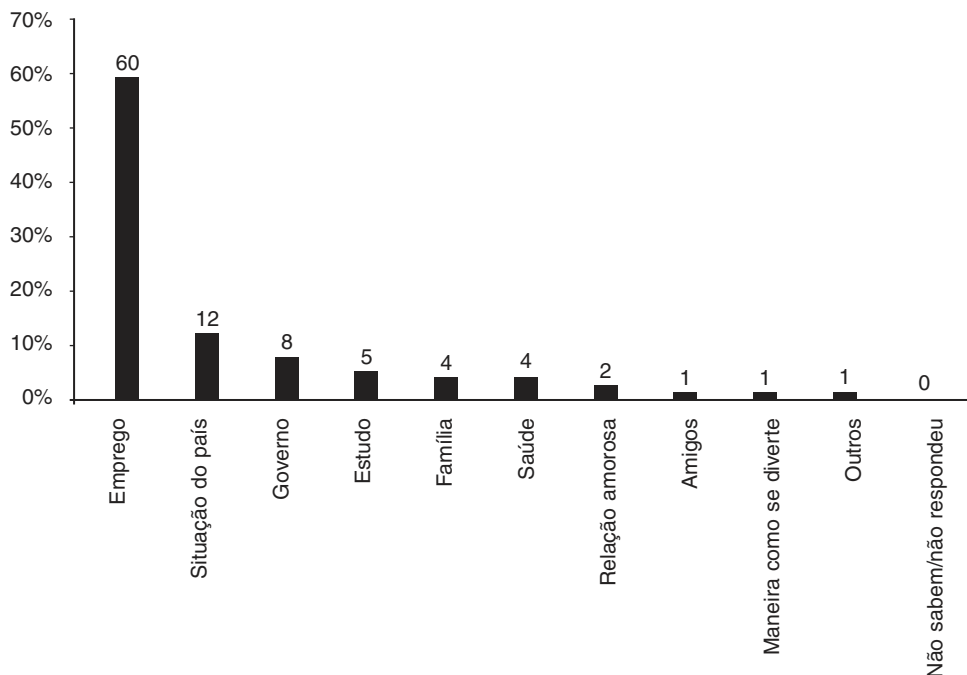
Também o baixo índice de satisfação quanto aos estudos, igualmente manifesto entre os respondentes de ambos os sexos (7%), constitui um dado bastante preocupante. Isso porque vem demonstrar a cristalização do estado, tantas vezes denunciado, de inadequação da escola brasileira aos nossos jovens – que, juntamente com as crianças e adolescentes, são os seus principais sujeitos –, compondo um painel perverso de longas raízes históricas e que, pelo que vem sendo sinalizado, ainda está longe de ser debelado.

O nível de satisfação dos jovens remete à análise de um dado inverso, qual seja, o de seu nível de insatisfação ou de muita insatisfação para com a vida. Nesse sentido, ao serem agrupados os indicadores de tal situação, o quadro anterior se modifica de forma substancial, conforme pode ser comprovado no Gráfico 2, a seguir.

Como fica patente, o emprego é a maior fonte de insatisfação da juventude com a sua vida, atingindo o elevado percentual de 60% das marcações. A seguir, e bem abaixo da primeira opção, aparece a situação do país, agrupando 12%, seguida pelo governo, com 8%, indicadores que, somados, totalizam um percentual de 20% das escolhas. Essa circunstância vem reforçar a linha de análise anteriormente desenvolvida, que em função desses itens terem obtido os mais baixos índices de satisfação juvenil, tal desencanto foi sido atribuído ao modo como vêm sendo conduzidos os rumos político-administrativos do país, cuja escassez/ausência de ações voltadas para as juventudes é uma das conseqüências – ou causas – mais evidentes.

Ainda de acordo com o gráfico seguinte, a família – que é apontada como o principal motivo por 43% dos jovens brasileiros se encontrarem satisfeitos ou muito satisfeitos com suas próprias vidas – ocupa, nesse caso, o quinto lugar em seu nível de insatisfação, repetindo os mesmos percentuais conferidos à saúde, também posicionada na quinta colocação, acumulando, cada uma, 4% das escolhas.

Gráfico 2 – Distribuição da população jovem segundo razões para estar insatisfeita ou muito insatisfeita com a vida que leva hoje, Brasil, 2004



Fonte: Pesquisa *Juventude, Juventudes: o que une e o que separa*, Unesco 2004

De acordo com Abramovay (2001), em tempos de incerteza como os que atravessamos, quando o desemprego e a instabilidade das situações profissionais assombram incessantemente a maior parte da sociedade, entrar e/ou se manter no mercado de trabalho certamente constituem algumas das principais preocupações das juventudes contemporâneas. E não é para menos: embora a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), realizada em 2005 pelo IBGE (SPITZ, 2006), aponte um crescimento da renda nacional, indica, também, uma taxa de desemprego alta no país, situada em torno de 9,3%. Por sua vez, um outro estudo divulgado pelo Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos – Dieese (SANDRINI, 2006) mostra que 45,5% do total de desempregados brasileiros têm entre 16 e 24 anos. Nesse contexto, os jovens representam apenas 1/4 da população economicamente ativa.

Apesar desse quadro, a satisfação manifesta pelas juventudes não possui, aparentemente, uma relação tão direta com o fato de o jovem estar trabalhando no momento. Isso porque, embora um pouco mais de metade dos jovens entrevistados (56%) afirmassem trabalhar quando da realização do estudo, conforme aponta a Tabela 3, ao serem cruzados os dados dessa situação com a satisfação com a vida que levam, percebe-se que entre os trabalhadores tanto os níveis de satisfação quanto os de insatisfação são muito parecidos, situando-se em torno de 53%, apresentando apenas uma ligeira elevação no grupo de satisfeitos que trabalham (58%).

Tabela 3 – Como os jovens se sentem em relação à vida que levam hoje, a partir de sua situação de trabalho, Brasil, 2004

	Trabalhando	Não trabalha atualmente, mas já trabalhou	Não trabalha atualmente e nunca trabalhou	Total
Muito satisfeito	53%	23%	24%	100%
Satisfeito	58%	24%	18%	100%
Insatisfeito	53%	35%	12%	100%
Muito insatisfeito	54%	37%	9%	100%

Fonte: Pesquisa *Juventude, Juventudes: o que une e o que separa*, Unesco, 2004.

Entretanto, o nível de satisfação parece guardar alguma relação com o fato de o jovem se sentir ou não seguro em seu emprego. Dos respondentes que se pronunciaram muito satisfeitos com suas vidas, 61% têm certeza que estarão empregados até o final do ano. Entre os muito insatisfeitos, apenas 31% têm a mesma certeza. Por outro lado, entre os jovens que se disseram muito satisfeitos, apenas 5% assumem que certamente não estarão empregados no final do ano, contra 13% dos que se declaram muito insatisfeitos. Desse modo, ainda que freqüentemente se atribua à juventude um forte traço de instabilidade, a segurança em algumas instâncias de sua vida parece ser uma de suas necessidades mais prementes.

Finalmente...

Como visto no decorrer de nossa discussão, muito embora as juventudes ocupem lugar central e destacado na sociedade contemporânea, constituindo um importante parâmetro para praticamente todos os estratos etários e sociais – por

meio, entre outros mecanismos, da venda de seus atributos sob a forma de mercadorias –, com base nas discussões realizadas, fica patente que tal centralidade se materializa, de modo objetivo, muito mais num âmbito estético do que, propriamente, ético.

Isso porque, ainda que tanto o vigor e a plasticidade de sua forma física, suas roupas, bem como todas as demais características pautadas, do modo mais específico, na representação do que os jovens aparentam ser, afigurem-se como socialmente desejáveis – corroborando nossa crença na enorme influência exercida por eles, numa dimensão estética, sobre o conjunto da sociedade –, no campo da ética, aqui traduzido como o conjunto de regras, maneiras de pensar ou princípios que orientam, ou tomam para si, a autoridade de orientar as ações de um determinado grupo social (SINGER, 1994), ou, nas palavras de Frei Betto (2006), “[...] os usos e costumes adotados numa sociedade para se evitar a barbárie de a vontade de um violar os direitos de todo”, a autoridade das juventudes revela-se bastante limitada, para não dizer inexistente...

Desse modo, pode-se dizer que os jovens encontram-se premiados por um mundo adulto que, ao mesmo tempo em que os coloca como alvo máximo de seus desejos estéticos ou – lançando mão de um termo empregado de modo muito corrente na contemporaneidade para definir algo que é muito desejado e potencialmente adquirível por meio da compra – verdadeiros *sonhos de consumo*, na outra mão, relega-os a um plano eminentemente secundário, limitando-os à condição de *modelos mudos*.

Assim, calando-lhes a palavra por meio dos mecanismos de exclusão anteriormente discriminados – compreendidos, entre outros, pela visão dual e maniqueísta tanto de seu presente quanto de seu futuro; pela imposição de uma ordem adultocrata, na qual os espaços de contestação e expressão juvenis são raros, e pela culpabilização por mazelas quase sempre associadas a episódios violentos, que, apresentadas como inerentes à juventude, ficam despidas de um significado social –, reforça-se uma prática que trafega na contramão da noção de ética aqui referida. Isso porque – e justamente em função de sua natureza excludente – não contempla a síntese dos chamados interesses coletivos, aí compreendidos os juvenis, síntese também imprescindível para a constituição do que até então se conhece como democracia.

Não se pretende negar aqui que passamos todos por tempos difíceis. E não apenas nós, brasileiros, mas praticamente todo o planeta, alguns em maior, outros em menor grau, dependendo do lugar onde se está ou se é compelido a estar. E, desse contexto, obviamente não ficam de fora os jovens, em torno de quem não dá

para continuar a se construir um mito pela simples razão de serem jovens (RIBEIRO, 2004), sob o risco de, desmaterializando-os, perpetuar sua exclusão de ações das quais eles próprios são ou serão objeto, embora não condição de não-sujeitos.

Com base na percepção de nossas juventudes sobre suas vidas podemos dizer que elas nos apontam com o otimismo, com a certeza de que pouco ou nada se perdeu, que ainda há muito espaço por onde começar/recomeçar a construção de um outro mundo. Um mundo melhor, porque possível. E possível porque é também mediado pela ótica e pela participação juvenil tanto numa dimensão estética quanto ética.

Referências

ABRAMO, H. W. *Condição Juvenil no Brasil Contemporâneo*. In: ABRAMO, H. W. ; BRANCO, P. P. M. (Org.) *Retratos da Juventude Brasileira: análises de uma pesquisa nacional*. Rio de Janeiro: Fundação Perseu Abramo, 2005.

ABRAMO, H. W. ; BRANCO, P. P. M. (Org.). *Retratos da Juventude Brasileira: análises de uma pesquisa nacional*. Rio de Janeiro: Fundação Perseu Abramo, 2005.

ABRAMOVAY, M. et al. *Escolas de Paz*. Brasília: Unesco/Governo do Estado do Rio de Janeiro/Unirio, 2001.

_____. Juventude e Infração Penal. *Correio Braziliense*, Brasília, 6 de julho de 2006. Disponível em <<http://www.joveneslac.org/portal/000/opiniones/juventude-infacao-penal.doc>>.

ABRAMOVAY, M. ; CASTRO, M. G. (Coord.). *Juventude, Juventudes: o que une e o que separa*. Brasília: Unesco, 2006

BARREIRA, C. et al. *Ligado na Galera – juventude, violência e cidadania na cidade de Fortaleza*. Brasília: Unesco, 1999.

BERTA, R. Juventude Desiludida: pesquisa do Ibope mostra que adolescentes cariocas estão pessimistas com o futuro. *O Globo*, 16 de setembro de 2006, p. 17.

BETTO, F. *Ética, Mera Questão Estética?*. Caracas: [s.n], 25 de julho de 2006. Disponível em <<http://www.alia2.net/article142382.html>>.

BOCAYUVA, P. C. C. ; VEIGA, S. M. Características do Modelo de Desenvolvimento Brasileiro. In: *Afinal, que País é Este?*. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

BOURDIEU, P. A “juventude” é apenas uma palavra. In: *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

_____. *Contrafogos: táticas para enfrentar a invasão neoliberal*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

BRASLAVSKY, C. La Juventud en Argentina: entre herencia del pasado y la construcción del futuro. *Revista de La Cepal*, nº 29, Santiago de Chile: [s.n], 1986.

CHAUÍ, M. Ideologia Neoliberal e Universidade. In: *Os sentidos da Democracia: políticas do dissenso e hegemonia global*. Petrópolis: Vozes, 1999.

CHESNAIS, F. *A Mundialização do Capital*. São Paulo: Xamã, 1996.

COSTA, J. F. Perspectivas da Juventude na Sociedade de Mercado. In: NOVAES, R. ; VANNUCHI, P. (Org.). *Juventude e Sociedade: trabalho, educação, cultura e participação*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

ESTEVES, L. C. G. et al. *Estar no Papel: cartas dos jovens do Ensino Médio*. Brasília: Unesco, INEP/MEC, 2005.

GONÇALVES, H. S. *Juventude Brasileira, entre a Tradição e a Modernidade*. In: *Tempo Social*. São Paulo: [s.n], v. 17, n. 2, 2005. Disponível em <http://test.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103>. (Acesso em: 21 out. 2006)

GRAMSCI, A. *Concepção Dialética da História*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1989.

IANNI, O. *Teorias da Globalização*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

IBGE. *Mudanças no Código*. Disponível no site <<http://www.ibge.gov.br/ibgeteen/datas/familia/codigo.html>>. (Acesso em: out. de 2006).

INJUVE. Sondeo de Opinión y Situación de la Gente Joven (2ª encuesta de 2006): *Percepción Generacional, Valores y Actitudes, Calidad de Vida y Felicidad*. España: Injuve, 2006. Disponível em: <<http://www.injuve.mtas.es/injuve/contenidos.item.action?id=1206388916&menuId=1112484564>>. Acesso em: out. de 2006.

INTRATOR, S. e CLÉBICAR, T. Existe Felicidade no Rio. *Revista O Globo*. Rio de Janeiro: [s.n], nº 110, 03/09/2006.

KEHL, M. R. A Juventude Como Sintoma de Cultura. In: NOVAES, R. ; VANNUCHI, P. (Org.). *Juventude e Sociedade: trabalho, educação, cultura e participação*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

KOSIK, K. *Dialética do Concreto*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

LIPOVETSKY, G. *O Império do Efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

LURIE, A. *A linguagem das Roupas*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

- MARGULIS, M. ; URRESTI, M. La Juventud es Más que una Palabra. In: MARGULIS, M. (Ed.). *La juventud es más que una palabra*. Buenos Aires: Biblos, 1996a.
- _____. Moda e Juventud. In: MARGULIS, M. (Ed.). *La juventud es más que una palabra*. Buenos Aires: Biblos, 1996b.
- MINAYO, M. C. S. et al. *Fala Galera: juventude, violência e cidadania*. Rio de Janeiro: Garamond, 1999.
- MOTTA, C. ; BERTA, R. Entre a Teoria e a Prática, um Abismo. *O Globo*. Rio de Janeiro: Editoria Rio, 16 de setembro de 2006, p. 18.
- PAIS, J. M. *Culturas Juvenis*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1993.
- RIBEIRO, R. J. Política e Juventude: o que fica da energia. In: NOVAES, R. ; VANNUCHI, P. (Org.). *Juventude e Sociedade: trabalho, educação, cultura e participação*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.
- RODRIGUES, E. *Existe el Riesgo de Caer en un Populismo Punitivo*. Entrevista dada em 22 de maio de 2004. Disponível em <<http://www.chicosdelacalle.org/news04b/expertof.html>>. (Acesso em: 21 out. 2006).
- SANDRINI, J. Desemprego entre os Jovens Atinge 32%. *Folha de São Paulo*. 15/09/2006. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/folha/dimenstein/cbn/capital_140906.shtml>.
- SANTOS, M. *Por uma outra Globalização: do pensamento único à consciência universal*. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- SINGER, P. A Juventude como Corte: uma geração em tempos de crise social. In: ABRAMO, H. W. ; BRANCO, P. P. M. (Org.). *Retratos da Juventude Brasileira: Análises de uma Pesquisa Nacional*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Perseu Abramo, 2005.
- SINGER, P. *Ethics*. Oxford: Oxford University Press, 1994.
- SOUSA SANTOS, B. *Pela Mão de Alice*. São Paulo: Cortez, 1997.
- SPITZ, C. Ocupação sobe 2,9% em 2005, mas Desemprego Aumenta, diz IBGE. *Folha Online*. (Acesso 15 set. 2006). Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/dinheiro/ult91u111028.shtml>>.
- STEELE, V. *Fetichismo: moda, sexo & poder*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

UNESCO. *Políticas de/para/com Juventudes*. Brasília: Unesco, 2004.

WASELFISZ, J. J. *Juventude, Violência e Cidadania: os jovens de Brasília*. São Paulo: Cortez Editora, 1998.

_____. *Relatório de Desenvolvimento Juvenil 2003*. Brasília: Unesco, 2004.